



# CEST

Centro de Estudos Sociedade e Tecnologia



Universidade de São Paulo

Boletim- Volume 5, Número 02, Março/2020

## COVID-19 e os impactos na Educação

**Rosângela Agnoletto & Vera C. Queiroz**

Já há um bom tempo, dissemina-se a ideia de que o professor deveria adotar o uso de tecnologias digitais em uma “ambiência favorável” que lhe desse confiança, segurança e tempo necessário para a exploração, avaliação, adequação e eventuais aprimoramentos dos experimentos realizados.

O bonde da História rompe com os paradigmas e cria essa ambiência e o tempo, como querendo andar de trás para a frente, em busca por urgentes demandas de estratégias a serem adotadas em todas as áreas da sociedade.

Há uma tentativa em curso de se lançar pacotes de medidas emergenciais, adotando, em sua maioria o uso de tecnologias digitais. Isto vem sendo feito por grande parte dos governos do mundo, preocupados em salvar suas economias diante do caos causado pela pandemia do COVID-19.

No caso das instituições de ensino e dos professores, lança-se um pacote a ser ingerido em dose bombástica, por todos, mesmo por aqueles que não estão familiarizados, ou são adeptos das tecnologias digitais em suas práticas educacionais. O único objetivo é “salvar” seus programas.

Mas, quantos são os professores que estão prontos para ensinar em ambientes on-line? Que mudanças nos paradigmas tradicionais devem ser criteriosamente observados antes de serem aplicadas? O que é preciso levar em conta para se transpor adequadamente aulas presenciais para o ambiente virtual? Como guiar adequadamente os alunos para atuarem em ambientes virtuais, sendo que professores e alunos estão no

mesmo barco e alguns professores apenas iniciando a jornada no mundo virtual?

Se a lógica da simples transposição da aula presencial para a digital já não era simples e natural, agora ela reúne ingredientes ainda mais complexos: urgência, preparo para lidar com plataformas e ferramentas de ensino on-line, desenvolvimento de habilidades e competências digitais e trabalho com as emoções que se encontram envoltas pelo medo, na melhor das hipóteses, e pelo tédio do isolamento social.

**A marca desse tempo chama-se “incertezas.”**

A marca desse tempo chama-se “incerteza”. Portanto, as aulas devem ser rigorosamente guiadas considerando todos os já inerentes desafios educacionais:

- planejamento vinculado aos objetivos de aprendizagem;
- diversidade de materiais e recursos didático-pedagógicos;
- atividades motivadoras;
- perfil dos alunos;
- avaliações diagnóstica e processual da aprendizagem e
- verificação da eficácia e pertinência da metodologia usada.

Um quesito chave para esses tempos de pandemia é viabilizar a todos os alunos acesso à Internet e conseqüentemente às plataformas e ferramentas de ensino on-line. Mas, isso é possível, mesmo em tempos de urgência?

Resguardado o açodamento exagerado, o bom professor sabe que precisa transmitir bem o programa educacional para obter sucesso com a aprendizagem dos alunos. Para que seu principal objetivo se cumpra de forma efetiva, “comunicar bem o conteúdo” passa por motivar, envolver e engajar cada aluno no processo



de ensino e de aprendizagem. A lógica é de um para todos e esse “todos” é representado por muitos ritmos, muitas histórias, muitas defasagens, muitas evoluções, muitos tempos individualizados e personalizados e agora, todos juntos e separados sob a ameaça de contaminação pelo COVID-19.

No “pacote” de desafios educacionais tem-se muitas etapas e algumas estão sendo executadas ao mesmo tempo:

- acompanhamento individual;
- mentoria;
- mediação de grupos;
- aproximação junto daqueles que se distanciam, ou não participam das atividades on-line, buscando saber o motivo e os integrando ao grupo;
- desenvolvimento de competência de convívio social, mesmo em situação de confinamento;
- desenvolvimento de posturas e atitudes de empatia e de colaboração.

É função do professor estabelecer a aproximação do "um" ou do “todos”, exercendo uma educação para a vida em um momento que impera o medo da morte. Muitos poderiam estar pensando agora “por que estudar se agora estamos preocupados em salvar nossas vidas?” Cabe então ao professor em cena preparar os alunos para o porvir, lembrando que devemos ter esperança e que a morte de alguns processos, ou as mudanças, mesmo que radicais, trazem recomeços e que devemos nos preparar da melhor maneira possível para isso.

O grande desafio está posto.



**Rosângela Agnoletto** é mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá.



**Vera C. Queiroz** é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do CEST-USP.

Coordenador Acadêmico: Edison Spina

Este artigo resulta do trabalho de apuração e análise das autoras, não refletindo obrigatoriamente a opinião do CEST.